



Ainda no domingo, Rodrigo Caio comentou que não havia feito nada de mais ao revelar como a jogada tinha realmente acontecido. "Fiz só o que tinha de fazer", disse. Mas a polêmica está aí

Quando a ética vai a campo

Gesto de Rodrigo Caio ao livrar a cara de Jô esquento o debate e divide opiniões

RÉGIS QUERINO DA REDAÇÃO

O clássico São Paulo 0 x 2 Corinthians, domingo, no Morumbi, pelo Campeonato Paulista, ainda não terminou. A atitude do zagueiro são-paulino Rodrigo Caio, que assumiu a responsabilidade em um choque com o goleiro Reman Ribeiro e evitou que o atacante corinthiano Jô, envolvido no lance, levasse cartão amarelo e ficasse fora do jogo de volta das semifinais, no próximo domingo, continua repercutindo. Ontem, o zagueiro Maicon, companheiro de Rodrigo Caio, pediu compreensão com o companheiro de zaga, mas fez ressalvas.

"A gente deveria respeitar a atitude do Rodrigo. Se foi certo ou não, é da consciência de cada um. Mas eu prefiro a mãe do meu adversário chorando do que a minha", afirmou. Questionado se repetiria Rodrigo Caio, Maicon desconvendeu. "Não posso dizer, não aconteceu comigo".

A atitude do defensor trico-

lor desencadeou debates nos programas esportivos e discussões no trabalho, no boteco e nas redes sociais. Se a maioria aprovou o gesto de Rodrigo Caio, vários são-paulinos não perdoaram o defensor, que dá ao adversário a oportunidade de fazer gols no próximo clássico, no Itaquerão.

"Você tem hoje uma ética de resultado, a ideia de que eu faço uma coisa boa porque vou ganhar lá na frente. Como o São Paulo perdeu, esse torcedor não enxerga o ganho lá na frente", comenta Marcus Vinicius Batista, jornalista e profes-

sor de Ética no Curso de Comunicação Social da UniSantos.

NA CONTRAMÃO

Para o professor de Gestão na Faculdade de Educação Física e no Esporte da Faculdade de Educação Física da Unisantia, Marcelo Henrique Gazolli Veronez, a postura de Rodrigo Caio vai na contramão do que geralmente é visto nos campos de futebol do País.

"Vejo de maneira muito acertada a postura do Rodrigo Caio, porque o que temos visto hoje em dia são 22 contra o árbitro e os auxiliares, simulando situações, inventando cir-

OPINIÕES DIVERGENTES

"A gente deveria respeitar a atitude do Rodrigo. Se foi certo ou não, é da consciência de cada um. Mas eu prefiro a mãe do meu adversário chorando do que a minha"

Maicon,
zagueiro do São Paulo

"Vejo de maneira muito acertada a postura do Rodrigo Caio, porque o que temos visto hoje em dia são 22 contra o árbitro e os auxiliares, simulando situações, inventando circunstâncias. Ninguém está preocupado em contribuir pra que o evento seja um sucesso"

Marcelo Henrique Gazolli Veronez,
professor de Gestão na Educação Física e no Esporte da Faculdade de Educação Física da Unisantia

cunstâncias. Ninguém está preocupado em contribuir pra que o evento seja um sucesso", critica Veronez.

JEITINHO BRASILEIRO

O momento caótico vivido pelo País, mergulhado numa profunda crise política que escancara o que a sociedade brasileira tem de pior, expõe o tradicional expediente perpetuado por gerações.

"Infelizmente, culturalmente a gente tem um certo apreço pela adaptação das regras, o jeitinho brasileiro. E quando isso não nos beneficia, tende-

mos a colocar a ética no centro da discussão para apontar o dedo e fazer moralismo", diz Marcus Vinicius Batista.

Para ele, a discussão sobre a implantação do vídeo no futebol, como já acontece no vôlei ou no tênis, traz questionamentos discutíveis. "Alguns dizem que isso vai tirar a graça do jogo. O prejuízo a um dos participantes por um erro que poderia ser evitado vai tirar a graça do jogo? A graça é o gol, uma grande jogada".

Marcelo Veronez elogia a postura do zagueiro, que "cria um novo paradigma, mas faz

CONTRADIÇÃO

Um dos maiores gestos de fair play no futebol foi protagonizado pelo atacante italiano Paolo Di Canio, em 2001, pelo inglês West Ham. Em partida contra o Everton, ele percebeu que o goleiro adversário havia se machucado e, mesmo com a chance de marcar o gol, pegou a bola com a mão para interromper a partida. O curioso é que Di Canio tinha posições políticas polêmicas. Em mais de uma ocasião ele comemorou gols fazendo a saudação fascista.

um contraponto. "O árbitro tem que ser soberano dentro de campo. Se analisar de forma extrema, isso pode ser usado também para atrapalhar. Se estou com o salário atrasado, diante de uma determinada circunstância, tomo uma postura de minorar a penalidade que poderia ser aplicada no adversário contra o meu próprio clube".